

***Domingo seria o dia ideal. Durante a madrugada de segunda feira Zeca não teria dificuldades para “limpar” o boteco do Agenor. Afinal ele estaria longe em sua casa, aquecido pelo cobertor e dormindo um belo sono. O boteco situado no Beco dos Silva não tinha vizinhos pois o cemitério ficava muito próximo. Ninguém notaria e Zeca não faria alarido. Sabia como escalar e retirar as telhas. O próprio Agenor contratou-o no ano passado para trocar as telhas depois de um temporal com granizo. Chegando o dia Zeca avisou Maria para que cuidasse do pimpolho e não esquecesse da mamadeira. Maria interpelou: “Zeca, onde vai essa hora sair na escuridão ?.” Zeca segurando uma lanterna e um ferramenta, ao sair respondeu com um sorriso maroto: “ Vou caçar tatu. Dizem que lá pelo Beco dos Silva viram um rodeando o cemitério.” Maria acenando a cabeça: “ Ora, tatu de cemitério. Meu falecido pai já dizia que eles costumam esconder-se em buracos fundos.” Continuou, suspirando: “Sabe Deus se o tatu não vive comendo defunto.” Zeca sai de casa e apressa os passos. Noite escura. Só estrelas. Uma coruja pia no cemitério. Ele sente um calafrio. Chega ao boteco, sobe na taipa nos fundos e sem esforço***

*alcança o telhado. Retira algumas telhas. Pronto, está no interior. Ouve um alarido de alguns quero-  
queros no pasto ao lado. Com auxílio da lanterna Zeca localiza a prateleira das bebidas: “ Vou levar duas garrafas de pinga e cigarros. Não posso levar bolachas e farinha pois Maria iria desconfiar.” Olha para o balcão da venda e a gaveta do dinheiro. “Será que tem algum trocado ?” Para sua surpresa encontrou algumas notas. Recolhe e enfia no bolso. Fica assustado quando ouve um cusco acuando por perto. Imediatamente, como um gato sobe ao telhado e sai. Recoloca as telhas, mas deixa um rastro de polvadeira pelo chão e suas pegadas. Passa pelo cemitério e esconde as garrafas de pinga atrás o túmulo de seu pai. Em casa guardou o dinheiro na guaiaca e foi deitar. Dia seguinte Maria pergunta: “Encontrou algum tatu. Dizem que tatu de rabo mole é apetitoso.” Zeca disfarça: “Mulher, o bicho é esperto, nem a toca encontrei.” Passado alguns dias Zeca resolve retornar ao boteco do Agenor para prostrar. Era uma sexta feira. Dia 13. Lá esta estava Agenor ainda lamentando o ocorrido para dois fregueses, quando também chega o Maneco Delegado. Zeca pálido e assustado, mal cumprimenta: “ Boas tardes. Gente preciso ir. Só*

***vim comprar uma farinha .” Agenor entrega o pedido e Zeca, na frente do pessoal, revira as notas de dinheiro em sua guaiaca na cintura. Retira uma nota de cinco mil reis e quando vai entrega-la, cai no chão a metade de uma nota de dois mil reis. Zeca fica pálido em silêncio e Agenor rapidamente colhe do chão a nota. Em seguida vai até a gaveta do balcão, abre e retira a outra metade rasgada que ali ficara. Agenor encara Zeca e na presença do Delegado, exclama: “ Ora, quem diria. Aqui está a prova. Então foi você que me roubou naquela noite.”***